



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12119 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 24 - Educação e Arte

ARTE & SUJEITO NA CIDADE-MUNDO: CONFLUÊNCIAS DE SENTIDOS E REVERBERAÇÕES NA EDUCAÇÃO

Rodolfo Rodrigues Pontes - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Isabel Almeida Carneiro - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

ARTE & SUJEITO NA CIDADE-MUNDO: CONFLUÊNCIAS DE SENTIDOS E REVERBERAÇÕES NA EDUCAÇÃO

Resumo: A presente pesquisa tem como principal cerne investigativo a formação estética docente, especificamente no contexto da periferia de Campos dos Goytacazes/RJ. Para isso, apropriou-se das perspectivas da arte como conhecimento e da formação estética como propulsora de existência, que é urdida pelas relações socioculturais na cotidianidade. Sendo assim, a metodologia adotada teve caráter pós-qualitativo e exploratório, cujos procedimentos subdividiram-se em bibliográfico e campo. O estudo está dividido em duas partes, sendo a primeira intitulada *Cidade-Mundo: território de lutas e invisibilidades* e a segunda *Educação estética no cotidiano escolar periférico: pensar um ensino de arte infantil como ferramenta decolonizadora*. A primeira parte objetiva, a partir de Lefebvre (2009) e Harvey (2013), refletir a Cidade-Mundo como local de profunda expressão da diversidade humana e, ao mesmo tempo, um espaço que circunscreve segregações e invisibilidades em múltiplas perspectivas, mas que precisa de alguma forma, oferecer liberdade a grupos marginalizados, o direito de ocupar e de transformar a cidade. Além disso, segundo Gobbi *et al.* (2022) o direito à cidade é atravessado em diversas instâncias, dentre elas a política e a sociocultural. Principalmente, a luta por direito de pertencer e interferir na cidade, legitima também as crianças como propositoras. No entanto, para exercer tal posição na sociedade, as crianças precisam vencer algumas barreiras que as colocam sempre como subordinadas a um adulto (adultocentrismo). A todo momento, as crianças têm suas opiniões e vozes cerceadas, sob a culpa de serem inexperientes. Visto isso, propõe-se desnaturalizar tal concepção de criança, para dar lugar a um olhar antropológico, que denuncia e inclui estes sujeitos invisibilizados

socialmente. Talvez devêssemos pensar a escola como extensão da sociedade, pois ao fazer esse deslocamento, observa-se que muitos dos problemas sociais também são educacionais e, dessa forma, a escola precisaria atuar para que fossem desnudados e combatidos. Com isso, a segunda parte busca pensar o sentido da escola infantil na contemporaneidade, tendo como princípio norteador um ensino de arte decolonial na periferia de Campos dos Goytacazes/RJ, que promova a diversidade e, ao mesmo tempo, dê voz à cultura subalternizada da favela, evidenciando a necessidade de um outro pensamento na sala de aula, como propõe Mignolo (2003). Ao observar o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da C. E. M. Francisco Alves Dias, fica exposto que o documento é apenas uma ferramenta protocolar, pois todas as informações contidas nele estão desatualizadas, sendo a última atualização realizada no ano de 2018. Inclusive, o mais grave de tudo é o documento apagar a identidade periférica da favela, numa escola infantil que é localizada na periferia, autodeclarando-se um silenciamento institucionalizado pela própria escola ao contexto sociocultural pertencente. Em vista disso, pensar a educação estética a partir de Leite (2008), é compreender que ela se dá inexoravelmente por meio da cultura, potencializando o educando de forma autônoma, crítica e pessoal, vivenciar com corpo e alma aquilo que está sendo visto e ouvido, para possibilitar que a expressão cultural reverbere e se amplifique como ondas em cada sujeito, afetando-o com marcas profundas do seu cotidiano. Nesse sentido, o ensino de arte ganha tons decolonial, quando se embebeda no que Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (2017) aprofundam como *Epistemologias do Sul*, pois ao tecerem uma comparação ao sul colonizado, atravessado por um campo de desafios epistêmicos, estes buscam ganhar voz perante os impactos impostos pelo capitalismo. Além disso, trata-se de conhecimentos relegados a margem, que foram sistemicamente esquecidos e, ao mesmo tempo, desconsiderados. Nessa direção, espera-se segundo Richter (2012, p. 91) implementar “[...] uma educação [...] estética, em que os padrões culturais e estéticos da comunidade e da família sejam respeitados e inseridos na educação, aceitos como códigos básicos a partir dos quais deve-se construir a compreensão e a imersão em outros códigos”. Sobretudo, ao aproximar este estudo do campo artístico, defronta-se com alguns artistas nos anos de 1960, que experienciaram a criação de métodos que intercambiavam arte e vida, ao instaurar a dimensão estética entre arte e cotidiano. Esse grupo, conhecido como Fluxus, transformou e deformou a ideia convencional de arte clássica, fazendo com que não houvesse diferenciação entre arte e não arte, assim, a arte não é vista como uma dádiva sublime do real, mas uma maneira de experimentar alguma coisa. Para o Fluxus, o sujeito tinha que perceber o mundo na sua concretude tal como na arte, pois dessa forma não necessitaria de arte e nem de artistas (BLOCK; BERGER, 2002). Pressupõe-se a partir de Certau (2014) que são as relações sociais que definem os indivíduos e, portanto, para compreendê-los, devem ser observados a partir de suas práticas sociais. Desse modo, a invenção do cotidiano coloca as “artes do fazer” como canal de liberdade e subjetividade, elementos esses fundamentais para a interpretação da contemporaneidade. Ao introduzir o cotidiano da periferia para dentro da sala de aula, por meio de uma educação estética associada ao ensino de arte infantil, como sintetiza Meira (2012, p. 131), espera-se “[...] fazer com que a arte deixe de ser uma disciplina do currículo e se torne algo incorporado à vida do sujeito, que o faça buscar a presença da arte como uma

necessidade e um prazer, como fruição ou como produção, porque em ambas a arte promove a experiência criadora da sensibilização. Além disso, complementar às provocações anteriores, Cunha (2017, p. 23) reivindica a importância da arte no universo infantil, de forma que o arte-educador seja um provocador durante o desenvolvimento da criança, mas para que isso aconteça deve-se sempre levar em consideração que “Para as crianças, o criar – que está em todo o seu viver e agir – é uma tomada de contato com o mundo, em que a criança muda, principalmente, a si mesma”. Desse modo, conclui-se que por meio de uma formação estética, com abordagem decolonial no ensino de arte na educação infantil, é possível aproximar a criança e a escola do seu contexto sociocultural, promover laços de pertencimento e de representatividade. Esta foi a questão estrutural e mobilizadora para a pesquisa, já que a C. E. M. Francisco Alves Dias, localizada numa periferia, mostrou-se em diversos aspectos aqui levantados, distante do contexto que está inserida.

Palavras-chave: educação estética; interseccionalidade; decolonial; epistemologias do sul; cotidiano.

Referências

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CUNHA, Susana Rangel Vieira da (org.). **As artes no universo infantil**. 4. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2017.
- BLOCK, René; BERGER, Tobias. O que é Fluxus? *In: O que é Fluxus? O que não é! O porquê*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2002. p. 38-45.
- GOBBI, Marcia Aparecida *et al.* **O direito das crianças à cidade: perspectivas desde o Brasil e Portugal**. São Paulo: FEUSP, 2022. *E-book*.
- HARVEY, David. A liberdade da cidade. *In: MARICATO, Ermínia et al. Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013. p. 27-46.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro Editora, 2008.
- LEITE, Maria Isabel. Experiência estética e formação cultural: discutindo o papel da cidade e de seus equipamentos culturais. *In: MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra Regina Ramalho e (orgs.). Ensaio em torno da arte*. Chapecó: Argos, 2008. p. 55-74.
- MEIRA, Marly Ribeiro. Educação estética, arte e cultura do cotidiano. *In: PILLAR, Analice Dutra (org.). A educação do olhar no ensino das artes*. 8. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2012. p. 119-140.
- MIGNOLO, Walter D. **Histórias Locais/Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- RICHTER, Ivone Mendes. **Multiculturalidade e interdisciplinaridade**. *In: BARBOSA, Ana Mae (org.). Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 85-

93.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. 1 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2017.